

A Prefeitura de Belo Horizonte, por meio da Secretaria Municipal de Cultura, apresenta

SEMINÁRIO

# Acessa BH



# 2023

3ª EDIÇÃO

## 02 a 06 de Outubro

Presencial em BH e Online

Gratuito



@accessabh



@accessabh

[www.accessabh.com.br](http://www.accessabh.com.br)



## **Bem-vindos ao Seminário Acessa BH!**

Chegamos à terceira edição do Seminário, mantendo o propósito de realizar um evento acessível e democrático tanto para o público com deficiência, quanto para artistas e demais profissionais envolvidos, promovendo debates sobre inclusão e acessibilidade nas artes, e como garantir mais autonomia e participação de pessoas com deficiência nas atividades culturais.

De acordo com o Censo 2022 realizado pelo IBGE, o Brasil tem 18,6 milhões de pessoas com deficiência, cerca de 8,9% da população. Segundo a Lei Brasileira de Inclusão (LBI), considera-se pessoa com deficiência aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas.

A incapacidade da sociedade em acolher e receber as pessoas com algum tipo de deficiência nos espaços comuns gera a exclusão de um contingente significativo da população. É preciso promover mudanças no sentido de extinguir as barreiras físicas, arquitetônicas, atitudinais, comunicacionais e culturais que impedem a inserção social das pessoas com deficiência.

Nessa terceira edição, o Seminário Acessa BH abordará temas relacionados à acessibilidade nas artes visuais e nos museus brasileiros, promovendo diálogos que auxiliarão na formação de outros olhares sobre a deficiência e sobre os corpos.

Toda a programação é acessível e gratuita e acontece de 02 a 06 de outubro, com a realização de 04 debates e 01 oficina online, e ainda uma oficina presencial em Belo Horizonte.

Convidamos vocês a estarem conosco nesta semana, para refletirmos sobre como podemos, individual e coletivamente, tornar nossa prática cotidiana mais inclusiva.


**Daniel Vitral e Lais Vitral**

Idealizadores do Acessa BH

# Debate Acessibilidade e Arte-educação: estratégias multissensoriais

03/10 às 16h

Gratuito. Online.

 @accessabh



Fotos: Divulgação

O debate busca fomentar reflexões sobre as dimensões políticas e decoloniais que emergem do trabalho com acessibilidade cultural, com foco na ressignificação das relações pessoais e institucionais, problematizando os desafios e o potencial da Arte/Educação multissensorial em múltiplos contextos da educação formal e não formal.

## Convidados

**Miriam Célia** - Museóloga, Mestre em Educação, Doutoranda em Ciência da Informação e consultora em acessibilidade, documentação museológica e educação patrimonial

**Robson Xavier** - Artista Visual, Curador, Arte/Educador e Arteterapeuta

## Mediação

**Mayra Oi** - Coordenadora de mediação do Itaú Cultural, artista, educadora, pesquisadora e mestranda em mediação cultural e artes da cena

Foto: Divulgação



Foto: Flávio Teperman



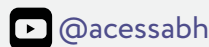
Foto: Miguel Basil



# Debate Obras táteis e a inclusão de pessoas com deficiência visual nos museus de arte

04/10 às 16h

Gratuito. Online.



Os direitos culturais das pessoas com deficiência visual são materializados de diferentes modos. Um deles é a criação de recursos multissensoriais, capazes de ampliar a percepção e a fruição por meio da disponibilidade de texturas, aromas, temperaturas e diferentes materialidades. Esta roda de conversa tem como foco apresentar modos de potencializar a experiência estética por meio destes recursos.

## Convidadas

**Diele Pedrozo Santo** - Professora de Arte, formadora de professores na área da inclusão e acessibilidade, idealizadora do Ver com as Mãos

**Karen Montija** – Educadora, consultora de acessibilidade

## Mediação

**Lígia Helena Ferreira Zamaro** - Assistente em Educação para Acessibilidade na Gerência de Educação para Sustentabilidade e Cidadania (Sesc São Paulo)

# Debate Acessibilidade Digital nos museus brasileiros: por que devemos nos preocupar com isso?

05/10 às 16h

Gratuito. Online.

 @accessabh



Foto: Divulgação



Foto: Isadora Roberto



Foto: Divulgação

No Brasil há quase 20 milhões de pessoas com algum tipo de deficiência (IBGE | Censo/2022). Grande parte delas não consegue navegar na web devido a barreiras de acesso encontradas em sites e aplicativos em geral, inclusive nos relacionados ao universo cultural. Em sua apresentação, Simone abordará quais as principais barreiras enfrentadas por essa grande população e como as instituições podem transformar seus espaços digitais em ambientes mais inclusivos para todas as pessoas. Complementarmente, Desiree apresentará dados sobre a acessibilidade digital nos museus federais, vinculados ao IBRAM, buscando trazer uma reflexão acerca das diferentes formas de acessar os conteúdos dos museus e questionando: os museus são mesmo para todas as pessoas?

## Convidadas

**Desiree Nobre**- Pesquisadora em Acessibilidade Cultural

**Simone Freire** – Fundadora da Espiral Interativa e idealizadora do Movimento Web para Todos

## Mediação

**Isa Meirelles** - Relações públicas e atriz

Foto: Anali Dupré



Foto: Divulgação



Foto: Ângela de Buarque Borges



# Debate Arte DEF percepções estéticas

06/10 às 16h

Gratuito. Online.

 @accessabh

Daniel Moraes e Estela Laponi compartilham suas experiências nas artes, nessa conversa mediada por Desiree Helissa.

## Convidados

**Estela Laponi** - Performer e videoartista

**Daniel Moraes** - Artista visual, curador e investigador acadêmico

## Mediação

**Desiree Helissa** - Arte educadora

# Oficina

## Diversidade em espaços culturais: como implementar práticas mais inclusivas,

com André Fonseca

Inscrições gratuitas

de 12 a 28 de setembro

Divulgação dos selecionados

29 de setembro

Aulas

02, 04 e 06 de outubro, das 10h às 12h

Online, via Zoom

30 vagas



Foto: Divulgação

**Ementa:** A oficina fará um percurso em três partes: como a questão da diversidade tem sido tratada de modo geral na produção e gestão culturais; como as experiências que os espaços culturais oferecem aos seus públicos podem afastar grupos minorizados; e como adotar práticas de comunicação e atendimento inclusivos.

**Público alvo:** Integrantes de equipes de espaços, instituições e eventos culturais, públicos ou privados. Pessoas que atuam (ou desejam atuar) na cultura em áreas como produção, gestão e curadoria. Pessoas que pesquisam o tema ou tenham interesse por ele, preferencialmente de Belo Horizonte e região metropolitana, acima de 18 anos.

# Oficina Librário

com  
Flávia Neves

Inscrições gratuitas  
de 12 a 28 de setembro  
Divulgação dos selecionados  
29 de setembro  
Aulas

04 e 05 de outubro, das 09h às 12h  
Oficina presencial, no  
Memorial Minas Gerais Vale  
Rua Gonçalves Dias, s/n  
(Praça da Liberdade) – Funcionários  
Belo Horizonte (MG)  
30 vagas



Foto: Equipe Librário

**Ementa:** O Librário é um jogo didático pedagógico com caráter científico, criativo, artístico e cultural que busca promover a aprendizagem de Libras de maneira leve e divertida. As oficinas estimulam o aprendizado da Libras e, conseqüentemente, viabiliza uma melhoria na comunicação entre surdos e ouvintes. Essa proposta de prática do Librário é destinada à formação de multiplicadores do Librário no Seminário Acessa BH, reflexão sobre a inclusão e aproximando as pessoas surdas e ouvintes

**Público alvo:** Artistas, arte-educadores, produtores e gestores culturais, referencialmente de Belo Horizonte e região metropolitana, acima de 18 anos



# Bate-papo

## Soluções para acessibilidade em projetos culturais com Lais Vitral e Daniel Vitral



Foto: Maria Vaz



Foto: Divulgação

### Inscrições gratuitas

até 06 de outubro

### Divulgação dos selecionados

07 de outubro

### Data do encontro

10 de outubro, das 16h às 18h

### Ação presencial, no Foyer do Grande Teatro CEMIG

### Palácio das Artes

Avenida Afonso Pena, 1537 - Centro  
Belo Horizonte (MG)

### 50 vagas

\*ação de contrapartida do projeto

**Ementa:** Lais Vitral e Daniel Vitral, idealizadores e coordenadores do ACESSA BH, apresentarão o conceito e histórico do projeto, que esse ano realizará sua 3ª edição, e soluções para acessibilidade em projetos culturais a partir do exemplo prático do ACESSA BH.

# Convidados

## André Fonseca (SP)

André Fonseca é consultor, educador e pesquisador independente em diversidade, comunicação e gestão cultural. Pensa tudo com uma perspectiva inclusiva. Ama café, música e cinema. Realizou atividades de formação para instituições como CELACC USP, Senac, Sesc, Universidade Anhembi-Morumbi, Biblioteca Mário de Andrade, MIS - Museu da Imagem e do Som, SISEM SP (Sistema Estadual de Museus de São Paulo), Centro Cultural de Espanha (em Montevideo) e Fundação Bienal.



Foto: Divulgação

## Daniel Moraes (SP)

Artista brasileiro que utiliza o desenho e a performance como meios para abrir campos de diálogos na sua produção interdisciplinar. Mestre em Pintura na Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, PT. Desde o começo da sua trajetória profissional, o artista tem se debruçado sobre a relação conflituosa entre a corporeidade da deficiência e a prática artística, aprofundando a sua pesquisa através de vivências pessoais e coletivas relacionadas com o corpo não normativo.

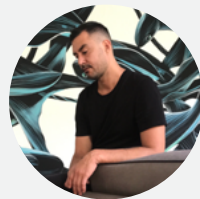


Foto: Divulgação

## Daniel Vitral (MG)

Advogado, captador de recursos, gestor e produtor cultural. Sócio-diretor da Vitral Consultoria e Projetos Culturais. Idealizador e coordenador do Seminário Acessa BH e do Festival Acessa BH, que visam o protagonismo das pessoas com deficiência nas artes e na cultura.



Foto: Maria Vaz

## Desiree Helissa (SP)

Desiree é uma mulher branca, cis, que manca, dobra a pele ao sentar, puxa um fio de axé se precisar, borda plantas, corpos e suturas. Está há 12 anos trabalhando com arte e educação, na parte da mediação artística e coordenação de educativos em diversas instituições culturais de SP. Foi curadora no projeto AcessArte do Espaço Cultural Cita; Articuladora da Área de



Foto: Ângela de Burque Borges

Acessibilidade e Redes de Apoio do Programa Vocacional 2022 e responsável pelo curso: Quem foi Anita Malfatti? pelo CPF SESC. Autora do Livro Tá todo mundo rindo? Contemplado pelo PROAC, produzido junto de artistas com deficiência do elenco Comédia Sentada. Atualmente integra o Coletivo Feminista Helen Keller de mulheres com deficiência, a Yoga Para todes Brasil, idealizado pela ativista gorda Vanessa Joda, e é educadora do espaço de tecnologia e artes no SESC-SP.

### **Desirée Nobre (RS)**

Graduada em Terapia Ocupacional, Mestre e Doutoranda em Memória Social e Patrimônio Cultural pela Universidade Federal de Pelotas. É Doutoranda em Museologia pela Universidade Lusófona (Lisboa). Realizou estágio em Acessibilidade Cultural no Museu da Comunidade Concelhia da Batalha (2015) e Residência Profissional no Museu de Leiria (2018). Coordena o grupo de estudos “Sociomuseologia e Acessibilidade Cultural” da Cátedra UNESCO “Educação, Cidadania e Diversidade Cultural”. É autora de livros sobre acessibilidade em museus e livros infantis em multiformato.



Foto: Divulgação

### **Diele Pedrozo Santo (PR)**

Mestre em Artes Visuais (PPGAV/UEDESC); Especialista em Educação Especial e Inclusiva (IBPEX) e Graduada em Educação Artística (UFPR). Como professora-pesquisadora há 17 anos desenvolve metodologias de ensino da Arte acessíveis para estudantes com deficiência visual. Idealizou em 2012 o Ver com as Mãos, projeto apoiado pelo Criança Esperança/UNESCO com o objetivo de dar acesso à Arte ao público com deficiência visual. Atualmente trabalha com cursos de formação continuada para docentes no Centro Estadual de Capacitação em Arte Guido Viaro, vinculado à SEED/PR.



Foto: Miguel Brasil

### **Estela Lapponi (SP)**

Performer e videoartista paulistana. Tem como foco de investigação artística:

- o discurso cênico do corpo com deficiência
- a prática performativa e relacional (público)
- o trânsito entre as linguagens visuais e cênicas

Desde 2009 realiza práticas investigativas a partir do conceito que criou – Corpo Intruso e sua performatividade Zuleika Brit. Escritora do livro Corpo Intruso. Coorientadora e professora convidada no Mestrado Profissional em Artes da Cena, parceria entre Escola Superior de Artes Célia Helena e Escola Itaú Cultural.



Foto: Anali Dupré

## Flávia Neves (MG)

Graduada em licenciatura em Artes Visuais, mestre e doutoranda em Design pela Escola de Design da Universidade do Estado de Minas Gerais - UEMG. É membro do CEDTec - Centro de Estudos em Design da ED/UEMG, como pesquisadora da linha de pesquisa Tecnologia Social e Design Inclusivo, é gestora e criadora do projeto LIBRÁRIO: Formas de multiplicação, mobilização e divulgação de uma tecnologia social que divulga a Libras. Atua como professora de Artes Visuais, como artista visual, fotógrafa e colaboradora de projetos que desenvolvem atividades e ações socioambientais e culturais, atuando principalmente nos seguintes temas: Educação, Arte, Design, Libras, Inclusão, Cultura, Linguagem Visual, Políticas Públicas e Identidade.

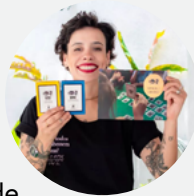


Foto: Equipe Librário

## Isa Meirelles (SP)

Isa Meirelles é relações públicas e atriz. Atua no mercado de tecnologia em comunicação de B2B e executiva para c-level. É cofundadora do Café com Ellas, primeiro grupo de networking para impulsionar carreiras de mulheres com deficiência no Brasil. Atualmente, trabalha como gerente de comunicação no Google Brasil.

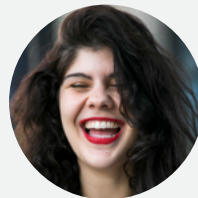


Foto: Isadora Roberto

## Karen Montija (SP)

Mestre na Escola de Comunicação e Arte (ECA) da USP, cuja pesquisa é em Acessibilidade para pessoas cegas em espaços culturais. Formada em Artes Visuais (Bacharelado/ Licenciatura) pelo Instituto de Artes da UNESP e Técnica Fotográfica pelo SENAC. Atualmente é fundadora e diretora da empresa “AKA Projetos Culturais” em que presta serviços de arte, educação e acessibilidade, atendendo instituições como o SESC (SP), CCBB (SP), Museu do Amanhã (RJ). Trabalhou como Coordenadora Pedagógica pela empresa Sapoti, no Programa CCBB Educativo Brasília e São Paulo. Pela mesma empresa coordenou educativos de exposição temporárias (SESC, OCA, CCC). É mediadora cultural há 16 anos e desde 2012, pesquisa e cria objetos mediadores, ambientes interativos e ações educativas interdisciplinares que medeiam Artes Visuais e Patrimônio Cultural com Acessibilidade Estética, para os mais diversos perfis de público.



Foto: Flávio Tapelman

### Lais Vitral (MG)

Bacharel em Turismo (PUC-Minas) e especialista em Gestão do Patrimônio Histórico e Cultural, com ênfase em Gestão de Projetos Culturais (UFMG). Gestora e produtora cultural. Parecerista no Ministério da Cultura e em diversos outros editais municipais e estaduais. Idealizadora e coordenadora do Seminário Acessa BH e do Festival Acessa BH, que visam o protagonismo das pessoas com deficiência nas artes e na cultura.



Foto: Divulgação

### Lígia Helena Ferreira Zamaro (SP)

Mestre em Artes Visuais pela Escola de Comunicações e Artes da Usp. Especialista em Acessibilidade em Ambientes Culturais pela UFRGS/UFRJ/MinC. Assistente em Educação para Acessibilidade, na Gerência de Educação para Sustentabilidade e Cidadania (Sesc São Paulo), instituição em que trabalha há 13 anos. Foi educadora de espaços culturais e na educação formal. É artista, com produção em técnicas mistas, arte têxtil e cerâmica e mãe de um menino de 3 anos.



Foto: Divulgação

### Mayra Oi (SP)

Bacharel em Letras pela FFLCH-USP. Mestranda em mediação cultural com foco em atendimento educativo na Escola Célia Helena. Trabalha na área desde 2004 em escolas, museus, centros culturais e organizações da sociedade civil. É mediadora de leitura de textos e imagens em exposições, professora e consultora de educadores em instituições de ensino formal e não formal. Estuda educação libertária, estudos de gênero, decolonialidade e experimenta os conceitos da pesquisa na prática diária.



Foto: Divulgação

### Miriam Célia Silva (MG)

Museóloga e Doutoranda em Ciência da Informação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Mestre em Educação pela Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). Atuou em setores educativos e de acessibilidade em museus de Belo Horizonte e na docência de cursos de graduação de Universidades de Belo Horizonte. Tem experiência em projetos expográficos e curadoria de exposições. Presta consultoria em acessibilidade, educação patrimonial e documentação museológica.



Foto: Divulgação

### **Robson Xavier (PB)**

Pós-doutor em Estética e História da Arte (MAC USP). Doutor em Arquitetura e Urbanismo (PPGAU UFRN e Escola de Arquitetura da Universidade do Minho Portugal). Mestre em História (PPGH UFPB). Especialista em Educação Especial (UFPB) e Educação e TICs (UFPB). Licenciado em Artes Plásticas (UFPB). Docente do Deptº de Artes Visuais da UFPB e dos PPGs em Artes Visuais (PPGAV UFPB-UFPE) e em Arquitetura e Urbanismo (PPGAU UFPB). Líder do Grupo de Pesquisa em Arte, Museus e Inclusão (AMI/UFPB/CNPq). Membro da ANPAP (Ex-Presidente gestão 2021-2022 e Vice-Presidente gestão 2023-2024), ABCA e AICA.



Foto: Divulgação

### **Simone Freire (SP)**

Fundadora da Espiral Interativa, agência especializada em acessibilidade digital e projetos de impacto social. Idealizadora do Movimento Web para Todos, que reúne dezenas de organizações em prol da construção de uma web inclusiva. Jornalista com especialização em Gestão de Organizações do Terceiro Setor, integrou os boards da Abradi e Insper/Enactus, e é membro do Grupo de Trabalho sobre acessibilidade na web do W3C Brasil. Em 2016, foi eleita uma 10.000 Women Goldman Sachs e, em 2018, selecionada case internacional do programa.



Foto: Divulgação

# Terminologias e outras dicas

- Não se usa mais os termos “deficiente”, “pessoa com necessidades especiais” ou “portador de deficiência”. Atualmente, o termo adequado é “**pessoa com deficiência**”, que mantém o foco na palavra pessoa. Segundo a Lei Brasileira de Inclusão, “considera-se pessoa com deficiência aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas.” Longe de considerar a deficiência como um problema particular, essa definição faz um chamado à sociedade como um todo, para assumir a responsabilidade na eliminação das citadas barreiras.

- **Capacitismo** é a discriminação dirigida a pessoas com deficiência, das mais variadas formas. Ele parte do princípio que a deficiência é um desvio, algo que idealmente deveria ser “corrigido” ou ao menos minimizado para se aproximar do padrão dito normal. O capacitismo pode ser agressivo, ao tratar as pessoas com deficiência como incapazes, inferiores, indesejáveis. Mas ele também se esconde nas bordagens excessivamente assistencialistas, que veem essas pessoas como dignas de piedade: indivíduos que merecem cuidados paliativos, mas nunca terão uma vida plena. Até mesmo as narrativas de exaltação frequentemente escorregam para o capacitismo, ao insistirem na questão da superação. Muitas vezes, a pessoa com deficiência é mostrada como um quase super-herói, que conseguiu se destacar individualmente, somente porque as expectativas relativas a alguém na mesma situação eram muito baixas. Muitos termos e expressões de cunho capacitista ainda são usados, ainda que de forma inconsciente. Alguns exemplos ofensivos são: retardado mental, sequelado, capenga, etc. Na outra ponta, dizer que alguém é “especial” por ter alguma deficiência também é capacitista, porque tenta camuflar, suavizar a limitação da pessoa.

- **Expressões capacitistas a serem abolidas do nosso vocabulário:** Mais perdido do que cego em tiroteio. Não temos braços - ou pernas para isso. Dar uma de João sem braço. Cego de raiva. Em terra de cego, quem tem olho é rei. O pior cego é aquele que não quer ver. Que mancada.

- Acessibilidade é a possibilidade de uso e acesso do espaço físico, transporte, meios de informação, comunicação e lazer, entre outros, com segurança, autonomia e equidade. Ela pode se traduzir em adaptações do meio físico, na flexibilização e multiplicação de canais de informação e na adequação de normas e metodologias para atender diferentes demandas. Os recursos, dispositivos, técnicas e métodos usados para promover a acessibilidade são chamados de tecnologias assistivas. Todos esses são imprescindíveis, mas devemos ter em mente que a inclusão sempre começa pela Acessibilidade atitudinal, ou seja, pela disposição em acolher, compreender e, na medida do possível, atender cada pessoa, no que ela deseja e precisa.

- O bem conhecido **Símbolo Internacional de Acesso**, composto pelo desenho de uma pessoa numa cadeira de rodas (sempre voltada para a direita), é o ícone usado para indicar acessibilidade do meio físico, não só para pessoas com deficiência física. Recentemente, a ONU propôs outro ícone, ainda não adotado de modo oficial no Brasil. Inspirado no famoso Homem Vitruviano de Da Vinci, ele é representado por uma pessoa de braços e pernas abertos, dentro de um círculo. A intenção desse ícone é abarcar de forma mais ampla os variados tipos de deficiência.



**Símbolo Internacional de Acesso**

- **Desenho Universal** é um conceito originalmente desenvolvido na área de Arquitetura, que propõe a concepção e construção de obras, produtos, espaços e processos que sejam de uso compreensível, intuitivo, confortável,



seguro e flexível para toda e qualquer pessoa. Saindo da lógica da adaptação, o conceito sugere pensar a inclusão como um valor primordial e amplo, que inclusive vai muito além da questão da deficiência. O uso de uma porta com sensor de presença, por exemplo, independe de força, habilidade, mobilidade ou capacidade cognitiva. Por isso, ela também atende a crianças, idosos e até mesmo estrangeiros, que poderiam não entender instruções escritas. Um livro com versões em tinta, braille, áudio, com recursos táteis e de leitura fácil tem a possibilidade de atingir um número imenso de leitores, inclusive pessoas analfabetas ou analfabetas funcionais. Embora a implantação plena do Desenho universal ainda esteja longe da realidade, o conceito deveria servir como guia norteador de toda e qualquer ação e projeto, na esfera pública ou particular.

- O lema do Movimento das Pessoas com Deficiência é **“Nada sobre nós, sem nós”**. Tendo isso em mente, sempre que falar, planejar, promover algo sobre ou para pessoas com deficiência, certifique-se de que elas tenham participação plena e ativa. Inclusive no dia a dia, quando quiser saber algo sobre uma pessoa com deficiência presente no ambiente, dirija-se a ela, e não a quem estiver a acompanhando. Se for uma pessoa surda, olhe para ela, permitindo que o intérprete escute a fala, para traduzir depois. Se for uma pessoa com deficiência intelectual, use uma linguagem fácil, de acordo com a idade dela, e espere que ela decida se necessita de ajuda para responder.

- É adequado usar o termo **“cego”** para se referir a alguém com visão mínima ou nula, e **“pessoa com baixa visão”**, para quem preserva alguma funcionalidade da visão. A pessoa que, além da deficiência visual, também tem deficiência auditiva é chamada de **surdocega**.

- Ao iniciar uma conversa com uma pessoa com deficiência visual, apresente-se. Mesmo que a pessoa a conheça, não suponha que ela vai necessariamente reconhecer sua voz. Avise antes de se afastar ou de se retirar da conversa, para que a pessoa não fique falando sozinha. Pergunte antes se a pessoa precisa e/ou deseja ser guiada. Se sim, deixe que ela lhe segure o ombro (no caso dela ser significativamente mais alta) ou o braço na altura do cotovelo, de modo que esteja sempre um passo atrás de você. Ah, e se a pessoa estiver com um cão-guia, antes de brincar ou afagar o animal naquele momento, certifique-se de que o animal está num momento de descanso.

- Clinicamente relacionado à ausência ou perda da audição, o termo “surdez” também tem uma forte conotação sociocultural. As expressões “identidade surda” e “comunidade surda” estão fortemente ligadas ao uso das línguas de sinais. A expressão “surdo-mudo”, porém, não é adequada, pois supõe uma incapacidade física de fala, o que geralmente não corresponde à realidade. Mesmo pessoas com perda auditiva severa podem aprender a falar e a fazer leitura labial. Nesse caso, elas são chamadas de oralizadas, e podem ou não usar também a língua de sinais.

- O termo correto é “**língua**” e não “linguagem de sinais”. Assim como as línguas orais, as línguas de sinais são sistemas complexos, com lógicas, normas e processos de desenvolvimento específicos. O alfabeto sinalizado é somente uma forma do sistema se apropriar da língua oral, e constitui sua menor parte. De forma geral, cada país tem ao menos uma língua de sinais, que não tem ligação direta com a língua oral da nação (por exemplo, há enormes diferenças entre a Libras e a Língua Gestual Portuguesa). No Brasil, além da Libras, também temos a Língua de Sinais Ka’apor Brasileira, utilizada pelo povo de mesmo nome, nativo do Maranhão.

- A expressão “**deficiência física/motora**” engloba uma enorme variedade de condições relacionadas à ausência ou má formação de alguma parte do corpo, questões de mobilidade, força, coordenação, etc. O termo “cadeirante” é geralmente bem aceito, pelo menos num contexto coloquial.

- Se estiver conversando com uma pessoa em cadeira de rodas ou com nanismo, procure manter os olhares no mesmo nível, e evitar que a pessoa permaneça muito tempo com a cabeça erguida.

- Acessibilidade para pessoas com deficiência física/motora vai muito além das rampas. Seguindo os preceitos do Desenho Universal, ela envolve planejar espaços para a entrada e a manobra confortável de cadeira de rodas, prever o alcance e o uso autônomo de dispositivos diversos, considerando possíveis limitações de força e coordenação, e quais partes do corpo podem ser usadas no processo.

- A antiga expressão “deficiência mental”, relacionada a alguma limitação no quociente intelectual e/ou nas habilidades sociais e de autocuidado, foi substituída por “**deficiência intelectual**”.

- Mesmo entre pessoas com condições parecidas (como a Síndrome de Down, por exemplo), existe uma variação grande nas limitações cognitivas e padrões comportamentais. Com estimulação precoce e recursos de acessibilidade, todos podem desenvolver suas potencialidades e, em alguns casos, levar uma vida bastante independente.

- “**O Transtorno do Espectro Autista** é uma condição do neurodesenvolvimento, com prejuízos na comunicação, na interação social e no comportamento.” (Daniele Muffato). Atualmente, não se entende o espectro numa lógica linear (de comprometimentos mais leves aos mais severos), mas como uma combinação variável, relacionada às habilidades sociais, interesses especiais, rotinas, processamento sensorial, auto regulação, percepção, função executiva e talento (Fonte: ASPAS - Associação Pró-Autistas).

- Enquanto algumas pessoas manifestam traços mais facilmente associados ao espectro, como estereotípias (repetição de movimentos ou palavras/expressões) e ausência de comunicação verbal, outras apresentam sinais menos aparentes. A diversidade de características (que podem estar relacionadas também a outras condições), e a sutileza com que se manifestam em alguns casos, fazem com que muitas pessoas só recebam o diagnóstico tardiamente. Por esses mesmos motivos, o **TEA** nem sempre é facilmente identificável. Recentemente, Belo Horizonte seguiu o exemplo de outras cidades e aprovou a utilização do Cordão de Girassol, como forma de identificar rapidamente pessoas com TEA e outras deficiências ocultas (como TDAH e fobias extremas, entre outras), e garantir a elas todos os direitos garantidos por lei.



- Considerando as inúmeras configurações do TEA (em relação a formas de pensar, aprender, se comunicar e se comportar), em contraponto à bastante usada fita com peças de quebra-cabeça, a Neurodiversidade é representada pelo símbolo do infinito (um 8 deitado) nas cores do arco-íris.



# Ficha Técnica



**Idealização, Coordenação Geral e de Produção**  
Daniel Vitral e Lais Vitral

**Curadoria**  
Brisa Marques, Daniel Vitral, Lais Vitral

**Coordenação de Acessibilidade**  
Anita Rezende e Elizabet Dias de Sá

**Produção Executiva**  
Duna Dias, Juliana Cancio, Svend Sorensen

**Tradutores e Intérpretes de Libras-Português**  
Flávio Maia e Rosane Lucas

**Estúdio de transmissão ao vivo**  
Piccolo Teatro Meneio

**Direção de imagem e transmissão ao vivo**  
Bruno Cerezoli

**Operador de transmissão ao vivo**  
Jhonny River

**Assessoria de Imprensa**  
Luz Comunicação – Jozane Faleiro e Wandra Araújo

**Design Gráfico**  
Voltz Design – Alessandra Soares, Cláudio Santos e Gustavo Santos

**Site**  
ERA - Empório de Relacionamentos Artísticos

**Redes Sociais**  
DeDentro Design – Luciana Pires e Henrique Oliveira

**Coordenação Administrativo-Financeira e Prestação de Contas**  
Vitral Bureau Cultural – Célia Vitral e Daniel Vitral

**Contabilidade**  
Versátil Contabilidade – Luiza Vial

Realização:



LAIS  
VITRAL

VITRAL  
BUREAU CULTURAL

Apoio:

Memorial  
Minas Gerais  
Vale



INSTITUTO  
CULTURAL  
VALE



CIRCUITO  
LIBERDADE

Fundação  
Clóvis  
Salgado

A LIBERDADE  
MUDA EM  
*Minas*  
#VIDEOPARANAS

CULTURA E  
TURISMO



MINAS  
GERAIS

GOVERNO  
DIFERENTE.  
ESTADO  
EFICIENTE.

Incentivo:

Projeto: 0606/2021

LMIC  
LEI MUNICIPAL DE  
INCENTIVO À CULTURA

CULTURA



PREFEITURA  
BELO HORIZONTE

TRABALHANDO POR UMA cidade + feliz